



## HISTÓRIAS DE VIDA: resiliência, formação e empoderamento

Maria Dolores Fortes Alves, [mdfortes@gmail.com](mailto:mdfortes@gmail.com)

*Universidade Federal de Alagoas*

Maria José Guerra, UFAL, [mariaguerra.pedagoga@gmail.com](mailto:mariaguerra.pedagoga@gmail.com)

*Universidade Federal de Alagoas*

**Resumo:** Em uma tessitura elaborada a partir de histórias de vida e reflexão teórica reflexiva a luz do pensamento Complexo e Ecosistêmico, estes dois relatos reuniremos a história de duas mulheres com deficiência que superaram as adversidades físicas, econômicas, entre outras e, hoje são professoras em uma Universidade Federal no nordeste do Brasil. Deste modo, objetivamos que o leitor possa senti-las como possibilidades de superação, empoderamento e resiliência. Frutos e sementes de aprendizagens, ecosistêmicas, significativas e integradoras. Para elas, sistematizarem as experiências vividas, neste traçado pedagógico, fez necessário reunir memórias guardadas ao longo dos anos, recordar as marcas silenciadas de suas infâncias amargas, reprimidas na liberdade de se expressarem. Rever seus corações sufocados de angústias, suas dores e lágrimas descontroladas, seus sentimentos de inferioridade, suas fragilidades emocionais, sonos roubados pelos silêncios amargos das noites de dores e medos, para enfim tecerem suas práticas e matrizes pedagógicas. Deste modo, mostramos que essas mulheres buscam materializar em suas práticas, propostas de aprendizagem integradoras e ecosistêmicas, ecoformadoras, ressignificadas a partir de suas histórias de vida. Pela ressignificação das histórias de vida e nossas matrizes pedagógicas, modelamos nossas vidas com arte, a arte de viver. Assim, desejamos mostrar aos outros que, assim como nós, todos podem superar obstáculos e realizar seus sonhos! Foco, força, fé e muita amorosidade!

**Palavras-Chave:** Histórias de vida, resiliência, aprendizagem

## INTRODUÇÃO

Em uma tessitura elaborada a partir de histórias de vida (PINEOU, 2006) e reflexão teórica reflexiva a luz do pensamento Complexo (MORIN, 1997) e Ecosistêmico (MORAES, 2004), estes dois relatos reuniremos a história de duas mulheres com deficiência que superaram as adversidades físicas, econômicas, entre outras e, hoje são professoras em uma Universidade Federal no nordeste do Brasil. Elas buscam materializar em suas práticas, propostas de aprendizagem integradoras<sup>1</sup> e ecosistêmicas (ALVES, 2016; MORAES, 2008). Em uma tessitura elaborada a partir de histórias de vida e reflexão teórica reflexiva a luz do pensamento Complexo e Ecosistêmico, estes dois relatos reuniremos a história de duas mulheres com deficiência que superaram as adversidades

---

<sup>1</sup> Aprendizagens multidimensionais que integram o ser consigo, com o outro e com o todo. Possibilitam e respeitam a inteireza do ser como sujeito único e legítimo. (ALVES, 2017)



físicas, econômicas, entre outras e, hoje são professoras em uma Universidade Federal no nordeste do Brasil. Deste modo, objetivamos que o leitor possa senti-los como possibilidades de superação, empoderamento e resiliência. Frutos e sementes de aprendizagens, ecossistêmicas, significativas e integradoras. Para elas, sistematizarem as experiências vividas, neste traçado pedagógico, fez necessário reunir memórias guardadas ao longo dos anos, recordar as marcas silenciadas de suas infâncias amargas, reprimidas na liberdade de se expressarem. Rever seus corações sufocados de angústias, suas dores e lágrimas descontroladas, seus sentimentos de inferioridade, suas fragilidades emocionais, sonos roubados pelos silêncios amargos das noites de dores e medos, para enfim tecerem suas praticas e matrizes pedagogias.

Abordar tais marcas silenciadas implicaram principalmente em reconstruir partes das histórias sociais e políticas, numa concepção dialética entrelaçada a um estudo comparativo da infância com os dias atuais. Tais aspectos apresentam as marcas e seus impactos através de situações concretas, faz-se referência como intervenção humana encarada como processo norteador na afirmação dos direitos e conquistas pela ousadia assumida. Experiências, aprendizagens, superação, resiliência. Empoderamento, fortalecimento emocional, sonhos renovados, flores e frutos do amanhã. Deste modo, objetivamos que o leitor possa senti-los como possibilidades de superação, empoderamento e resiliência. Frutos e sementes de aprendizagens, ecossistêmicas, significativas e integradoras.

### **Primeiro relato- Maria guerreira**

Lembro que entre os 4 e 5 anos, morava na Zona Rural da cidade de Inhapi-AL, onde sou naturalizada e já gostava muito de estudar. Pegava jornal de embrulho que vinha nas compras e uma ponta de caneta velha, encontrada por trás do vaso de feijão. Coloquei um palito de fósforo e comecei a desenvolver os primeiros passos da coordenação motora, sem saber o que significava... Subia no pé de imbuzeiro e começava a viajar pelo infinito da imaginação... O tempo passou e esta recordação ficou registrada no inconsciente da minha memória, a qual tem um poder muito forte de inspiração relacionado aos estudos. Quando precisava, mergulhava no poder infinito da linha do tempo e encontrava uma fonte de energia escondida nas alturas das galhas daquele imbuzeiro.

Neste tempo, meus brinquedos eram confeccionados de palma onde fazia carrinhos de boi e outros objetos, os bonecos eram feitos de filapas que estavam soltando da mesa de santo, cada dia puxava um pedacinho até que formava varias bonecas e brincava de ser professora numa casinha





construída com as cascas do feijão batido. Mais o que gostava mesmo era de petecar<sup>2</sup> nas matas com meus irmãos. Fazia as bolinhas de barro lá no riacho, cachimba de minação<sup>3</sup> e aproveitava para tomar aquele famoso banho... Mesmo que, quando chegasse a casa levasse aquela pisa de presente... Depois das bolinhas secas, colocava numa mochila e seguia para caça de passarinhos nas matas cheias de macambiras. Também colocava arapucas para pegar preá, como não conseguia matar passarinho... Um belo dia um beijar flor vacilou, mirei a peteca e foi tá. Oba! Consegui!!!!. Nestas aventuras entramos numa mata e não sabíamos mais voltar. Passamos o dia todo naquela mata cheia de labirintos, macambiras e cansação<sup>4</sup> e ainda mais, sem alimentação. Enfim, depois de tanto sofrimento encontramos o caminho e chegamos a casa, para nossa supressa havia um presente escondido no torno de armar rede... Uma corda... Nossa que pisa bem dada!

Anos passaram... E minha família foi morar na Cidade de Águas Belas-PE, morávamos na Rua do Sertão e lá tinha uma senhora por nome de Matilde que ensina voluntariamente, para crianças e adolescentes que estavam fora da escola. Ela conseguiu um espaço para ensinar, só que ficava muito longe...mas lá fui eu e meu irmão. Lembro que um dia vestida com um macaquinho vermelho de bolinha branca, desci rolando no capim, juntamente com meu irmão e quando voltamos a casa, levamos uma pisa. Eu, a mais ressentida, passei o dia todinho sem comer e só fui me alimentar no outro dia, não aguentava mais de tanta fome.

Na cidade acima referida passamos apenas oito meses, porque quando meu pai retornou a cidade de origem, para visitar parentes. Numa certa noite, foram tentar assaltar a casa, minha mãe ficou muito nervosa e tivemos que dormir na casa da vizinha, cujo nome não me lembro. Antes de meu pai chegar, minha mãe já tinha arrumado as coisas para ir embora morar na casa dos meus avós maternos na cidade de Delmiro Gouveia-AL.

Em Delmiro Gouveia, situada no Alto Sertão alagoano, eu, Maria, uma menina de apenas oito anos vendendo picolé numa caixinha de isopor, logo fiquei conhecida por galeguinha do picolé. Com o passar dos meses a caixinha ficou pequena para a clientela que tinha conquistado, conseqüentemente foi trocada por outra maior.

Depois de alguns anos o ombro já não suportava mais peso da caixa, solicitando da Soverteria Esperança, um carrinho para dar continuidade a venda. Este percurso levou seis anos e seis meses. Em seguida, continuei na venda de leite de porta em porta. Trabalho esse que foi realizado por um ano e nove meses, e só parei por conta do “fiado. E devido a isso, tive que

---

<sup>2</sup> Peteca, nome regional local, significa estilingue.

<sup>3</sup> Poço que mina água

<sup>4</sup> Planta rasteira e espinosa, também conhecida como urtiga.





trabalhar como secretária “do lar” para terminar de pagar o leite que pegava para revender. Todo esse trabalho era feito para ajudar na sustentabilidade da minha família composta por sete irmãos, sendo cinco homens e duas mulheres e meus pais. Já vendia picolé antes de começar a estudar, sabia passar troco e todos os procedimentos da venda.

Quando comecei a estudar na escola senti muitas dificuldades, por causa dos meus pais que pensavam que estudar era somente no colégio, por esse motivo, sofri muito. Tinha um sentimento de inferioridade, porquanto, minhas colegas de classe, no período de provas estudavam muito, porém, eu não tinha tempo para estudar, pois tinha que trabalhar cuidar dos meus irmãos e da casa. Sentia-me inferior também porque era estrábica e por muitas vezes fui chamada de olho trocado, aumentando meu sentimento de inferioridade. Resultando que, no ano de 1993 quando meu irmão caçula nasceu, repeti o ano escolar, a professora não deixou nem fazer a recuperação, disse-me que já estava reprovada... Nossa que frustração e dor.

Consegui superar estes desafios quando fui convidada para participar de um grupo de infanto-juvenil da Pastoral da Juventude do Meio Popular PJMP. Grupo esse, que fortaleceu os meus sonhos. Esse movimento educativo freiriano, apresentou-me ao mesmo tempo, uma aprendizagem pedagógica e transformadora, fruto da PJMP, que promoveu educação na Fé e educação popular como instrumento de transformação nos grupos de bases. Enfocava-se em atividades que compunham o processo de formação na ação, com intenção política, visando a formação infanto-juvenil, como meio de ascensão sociocultural entrelaçado a transformação do cenário existente.

Em meio às contradições, surge uma força de grande fibra que desafia os holocaustos e enfrenta-os com muita Fé e garra, para mudar esses paradigmas (MORAES, 1997), que corroem a dignidade humana. Lutar por uma vida digna causa conflitos com os opressores entra em labirintos desgovernados e sufocantes, portanto precisa de muita fibra para tecer metas pautadas em punhos de resistências aos sistemas opressores. Passaram-se os anos e a galeguinha do picolé passou a ser chamada de Maria Guerra.

Quantos desafios enfrentados diante de uma política desumana, ternura e resistência, surgem como espelho refletor da realidade, como ponto de partida, para tomada de decisões em meios às diversas circunstâncias ocasionadas pela influência reagida, confrontadas pela responsabilidade de mudar o percurso desta história.





Minha missão perante a Deus e aos homens é lutar pela vida digna de crianças adolescentes e jovens que vivem em situação de criminalização principalmente pelos pais. Esta é a minha identidade se por ventura perdê-la, a essência do nome Maria Guerra desaparece.

Coordenei a Pastoral da Juventude na paróquia de Delmiro e no seu respectivo Setor, também na Diocese de Palmeira dos Índios, facilitadora da REJU-NE- Rede Ecumênica da Juventude no Nordeste de 2008 a 2011, Educadora Popular. Tive a oportunidade de participar do Encontro: Reforçando a Contribuição da Juventude para o Diálogo e a Cooperação Interreligiosa na América Latina, no marco do III Fórum da Aliança de Civilizações, Rio de Janeiro, Brasil e, de 24 a 26 de Maio de 2010, representando a Rede Ecumênica da Juventude Nacional (REJU). Também como participante dos cursos promovidos por KOINONIA- Presença Ecumênica Serviço e EQUIP-Escola de Formação Quilombo dos Palmares.

Como resultado de todo esse percurso de empoderamento, no ano de 2010 candidatei-me para ser conselheira tutelar, fiquei 1ª suplente e em 2011. Assumi o cargo de conselheira Tutelar da Cidade de Delmiro Gouveia, renunciei em julho de 2013 porque passei no concurso Público da cidade de Água Branca AL, para professora do ensino fundamental I. Em março de 2015 pedi exoneração do referido concurso para tomar posse em outro certame na capital Baiana em busca do grande sonho de ser Funcionária Pública Federal. Assim, morei no bairro Barbalho em Salvador e fui Assistente de Alunos do Instituto Federal da Bahia-IFBA. Passei no referido certame na vaga de pessoas com deficiência, com garantia de direito pela súmula 377 do STF, uma vez que tenho visão monocular. Lá, dividi aluguel com uma amiga do trabalho. Enfrentei várias dificuldades em Salvador porque, como morava numa cidade do interior de Alagoas e lá não tinha sistema de transporte público, tudo era muito perto. Enfim, quando em Salvador, peguei diversas vezes ônibus errado quando morava distante do trabalho.

Minha primeira perspectiva de cursar uma especialização em Educação, Pobreza e desigualdade Social foi pela minha identificação com o contexto social percorrido, gosto muito do autor Miguel ARROYO, construí meu TCC da graduação com várias citações do referido. Também, porque trabalhei como Assistente de Alunos, no médio integrado do IFBA e meu trabalho no conselho tutelar, anteriormente. Nesse momento, estou vislumbrando essa trajetória de construção de saberes à partir de uma pedagogia ecossistêmica e transdisciplinar, pelos estudos que tenho feito com o grupo de Práticas de Aprendizagem Integradoras e Inovadoras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.





Logo, em 2017, fui chamada para outro concurso em Maceió-Alagoas. Assim, atualmente sou professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico- EBTT- da UFAL e atuo na creche do Centro de Educação. Sou muito feliz e desejo passar para as crianças o melhor de mim. Sigo estudando e me preparando para em breve cursar o mestrado em Educação.

Tenho um sonho de escrever um livro da minha trajetória de vida e um documentário ou um curta metragem.

## **2º. Relato: Lótus: a vida esculpida com resiliência, alegria e amor!**

Sou a quarta filha de uma família de migrantes nordestinos que próximo a meados da na década de 70 foi para São Paulo em busca de melhores condições de vida.

Meu pai, em São Paulo, foi desde servente de pedreiro até metalúrgico. Fazia o que podia para sustentar os cinco filhos, pagar aluguel e demais despesas. Quando havia sardinha em lata, era um banquete! Minha mãe, humilde cultural e financeiramente, costurava, lavava roupas e fazia outras coisas para colaborar com papai na renda de casa. Ainda, cuidava de mim com problemas de saúde e deficiência física, bem como, de meus irmãos pequenos.

Passei a maior parte de minha infância internada em hospitais. Com dois anos de idade, um ano após nossa ida para São Paulo, tive hepatite. Três meses depois, surgiram sintomas como: dores articulares e dificuldades para fazer movimentos. Aos seis anos, fui diagnosticada com Artrite Reumatóide Infante-Juvenil. Ingressei na escola aos nove anos. Não foi fácil encontrar escolas que aceitassem crianças com deficiência, ainda, eu ficava muito tempo internada e tinha dificuldades para caminhar. Meu pai achava que eu não deveria estudar, mas os médicos diziam que me colocassem na escola. Foi tanta insistência de minha mãe que, enfim, uma diretora amorosa aceitou a minha matrícula. A escola era de madeira e para mim, tinha infinitos degraus. Eu os subia e descia de joelhos, sentada ou carregada por alguém. Estar ali era uma felicidade enorme. Seis meses depois, mudamos para um prédio novo que, apesar de distante da minha casa, não tinha degraus.

Faltava muito às aulas, pois precisava fazer fisioterapia. Às vezes, não tinha como ir até a escola, não havia dinheiro para pagar transporte ou comprar uma cadeira de rodas. Tinha apenas uma cadeira de madeira com rodinhas de rolimã confeccionada pelo meu vizinho. Em virtude das dificuldades de locomoção, estudei sozinha diversas vezes, sem professor ou auxílio de alguém. Porém, papai, mesmo com pouco dinheiro, sempre que alguém lhe oferecia algum livro ou enciclopédia, ele os comprava. Tínhamos até a enciclopédia Barsa, o que me auxiliava muito nos estudos.





Comecei a trabalhar aos treze anos. Vendia tudo que aparecia: produtos de revista, lingerie, roupas de lá que minha vizinha fazia etc. Quando cursei a 7<sup>a</sup>. série (em 1987) e podia ir para aula, ficava um bom tempo na escola. Nessa época, um vizinho me oferecia carona, porém, dependendo do horário de trabalho dele, precisava ir duas ou três horas mais cedo. Permanecia esse tempo na biblioteca da escola, ajudando algumas crianças a fazer lição de casa ou a estudar. Mais adiante, como tinha um bom desempenho escolar, minha vizinha pediu para que eu desse aulas para sua filha. Depois vieram estudar comigo mais outras crianças. Apesar de cobrar valores pequenos, ficava muito feliz porque não precisava mais depender financeiramente do meu pai para algumas coisas. Comprava meus livros e ajudava minha mãe e meus irmãos. Com o passar do tempo, fui me aperfeiçoando e trabalhei como professora de educação infantil, alfabetização de adultos, reforço escolar e orientadora. Aprendi ensinando, ensinei aprendendo e continuo fazendo isso até hoje.

Em 1997, comecei a fazer natação e hidroterapia com um professor que trabalhava com terapias alternativas. Foi assim que mudei radicalmente minha vida, proclamei minha liberdade. Fiz tratamentos com a medicina alternativa e lia toneladas de livros de neurolinguística, psicologia, autoajuda e autoconhecimento. Descobri meus objetivos e metas com tempo determinado para atingi-los. Após alguns anos, comprei um triciclo motorizado em muitas prestações, pois não consigo manipular a cadeira de rodas convencional devido às minhas limitações.

No final da década de 90 prestei vestibular e fui aprovada na primeira chamada, mas, quando ingressei na Universidade, enfrentei monstros horrorosos como medo, dor, solidão, preconceito e falta de apoio – inclusive, algumas vezes da própria família... Muitas vezes, não havia quem dirigisse um carro velho que consegui comprar, outras vezes, o carro estava quebrado. No final do primeiro ano do curso, meu pai, alcoolizado, bateu meu carro. Eu não estava conseguindo pagar a mensalidade da faculdade além de outras coisas. Porém, encontrei pela vida muitas mãos que me acolheram e muitas amigas me apoiaram. Tomava-me de coragem ia até o ponto de ônibus, pedia ajuda para entrar neles. Ficava na chuva de madrugada, no frio, aguardando o transporte coletivo. Consegui concluir o curso de Pedagogia. Desenvolvi trabalhos científicos que foram premiados e participei de cursos e congressos no exterior e em outros estados do Brasil. Fiz mestrado em Psicopedagogia; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem pela UBA (Universidade de Buenos Aires); Cursos de Educação em Valores Humanos; outro Mestrado e Doutorado pela PUC/SP-CNPq com sanduiche com bolsa de estudos na Universidade de Barcelona. Estes foram meus voos ...





Dirigi, coordenei e lecionei a instituição de Educação Infantil que fundei. Fui professora da rede pública no Ensino Fundamental. Ministrei aulas em Cursos de Graduação e Pós-graduação. Atualmente sou professora do Centro de Educação de uma Universidade Federal do nordeste, Voltei para minha terra natal. Sigo sendo escritora. Pesquisadora, palestrante Nacional e Internacional, militante nas áreas de Educação, Formação de professores, Inclusão e do Meio Ambiente.

Publiquei quatro livros. Um deles conta minha história para motivar as pessoas a enfrentarem seus obstáculos e a realizarem seus sonhos. Desenvolvo projetos que buscam modificar paradigmas (MORAES, 2004; 2003; 1997) o rótulo inclusão e mostrar que todos nós somos partes de uma tessitura comum: a “Teia da Vida” (CAPRA, 1999).

## **CONCLUSÕES**

Neste texto, buscou-se provocar reflexões, favorecer rupturas de paradigmas, a quebra de preconceitos, a valorização do amor, da solidariedade e o respeito, fazendo da diversidade a força motriz vital para a superação de obstáculos, bem como, fomentar ambientes mais criativos, cooperativos, felizes e a autoria de pensamento. Que o leitor possa senti-lo como possibilidades de superação, empoderamento e resiliência. Frutos e sementes de aprendizagens, ecossistêmicas, significativas e integradoras. Que educar seja um ato de amar, compreender e solidarizar, como é nossa biologia (MORAES, 2003). Como ensina Alves (2015; 2016) eis a missão do professor-educador, aquele que educa com e por amor para que cada sujeito se faça autor de sua vida e pensamento.

Agora somos livres. Acreditamos muito em nossos sonhos e seguimos com muito ânimo! Podemos viver nossas vidas com prazer e sem medo de viver. Somos autoras de nossos pensamentos e caminhos. Pela ressignificação de nossas histórias de vida e nossas matrizes pedagógicas (FURLANETO, 2003) modelamos nossas vidas com arte, a arte de viver. Assim, desejamos mostrar aos outros que, assim como nós, todos podem superar obstáculos e realizar seus sonhos! Foco, força, fé e muita amorosidade!

## **REFERENCIAS**

ALVES, M. D. F. **Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas: autoconhecimento e motivação.** Rio de Janeiro: WAK, 2016.





ALVES, M. D. **De professor a educador**. Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria. 3<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro, WAK, 2009.

CAPRA, F. **A teia da vida**: Uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: editora Primeira Edição, 1999.

FURLANETO, E. C. **Como nasce um professor?** São Paulo: Paulus, 2003.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. São Paulo: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. São Paulo: Vozes, 2004.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação**: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

